

Contribuição de Bourdieu para a análise do maio de 1968 na França

André Melo*

Introdução

Os eventos que marcaram o maio de 1968 tiveram grande repercussão na sociedade moderna. Um movimento que ocorreu com algumas semelhanças na Europa Ocidental, na América do Norte e a América Latina (GROPPO, 2000) teve características próprias que o tornaram diferentes dos outros movimentos sociais que tinham ocorrido até então. Desde o século XIX quando o capitalismo se consolidou também se consolidou o confronto das duas classes fundamentais nessa sociedade, a burguesia e o proletariado. É muito rica a literatura que debate o movimento dos trabalhadores, onde destacamos a Comuna de Paris de 1871 (MARX, 2011) quando os operários tomaram as armas para defender Paris contra os invasores alemães e iniciaram uma revolução na cidade até a Revolução Russa de 1917 (TRAGTENBERG, 2007) no qual o proletariado tomou o poder destituindo a monarquia e instaurando um Estado Socialista.

A partir do fim da Segunda Guerra Mundial, nos países centrais da Europa, surge uma nova forma de organização da sociedade. Naqueles Estados surge o que comumente se denomina Estado de bem estar social que se caracterizava por uma política de garantias para a classe trabalhadora, baseado no aumento do consumo e da integração da classe trabalhadora na sociedade de consumo, uma organização e regulamentação do trabalho baseado no acordo entre o capital, os sindicatos e o Estado (HARVEY, 2000). Além da própria expansão dos serviços prestados pelo Estado, como saúde, educação. Dentre estas mudanças temos o crescente aumento do número de alunos na escola. Esta tradicionalmente é destinada para as elites, assim como as universidades, assistem uma grande expansão a partir do fim da Segunda Guerra (GROPPO, 2000).

Este movimento de crescimento econômico começou a entrar em crise no fim dos anos de 1960 (HARVEY, 2000). Neste ponto chegamos aos movimentos de 1968, que se caracterizaram por uma grande presença de jovens (GROPPO, 2001) e o movimento tendo se iniciado na França dentro das universidades (BOURDIEU, 2014). Este movimento iniciou-se na universidade e chegou às ruas, transformando-se numa revolta geral que abalou

* Graduado em história pela UFG, especialista em ciência política pela UEG, mestre em sociologia pela UFG e doutorando em sociologia pela UFG e professor do IFG campus Uruaçu.

as bases da sociedade francesa. Como que os estudantes e não a classe operária iniciou e tomou a frente do movimento? Que mudanças ocorreram no sistema de ensino que proporcionou aos estudantes organizarem tamanha revolta?

Para explicar estas e outras perguntas recorreremos aos estudos que Bourdieu realizou sobre a educação e, mais especificamente sobre o sistema educacional francês. Para Bourdieu (2003b) o sistema de ensino, ao contrário do que pensavam os idealistas sobre a educação, através de um mecanismo complexo de relações, reproduz as relações vigentes na sociedade. As regras que existem dentro deste sistema favorecem os que têm mais “capital cultural”, ou seja, favorece os filhos de burgueses, apesar do discurso de que todos têm direitos iguais no que concede ao ensino e os que obtêm melhores resultados é por causa dos “dons” que os torna diferentes.

Partiremos de uma explicação geral sobre as teorias de Bourdieu sobre a educação, para depois analisarmos os eventos que marcaram o maio de 1968 na França. A partir disso poderemos perceber as contribuições que as suas análises nos dão para compreender este evento, mas também as disputas no campo acadêmico e suas implicações na sociedade.

Conceitos de Bourdieu Sobre Educação

Pierre Bourdieu teve uma produção que é bastante relevante na sociologia contemporânea, sua obra, como o mesmo diz (BONNEVITZ, 2003) tenta fazer uma síntese entre os clássicos da sociologia Marx, Weber e Durkheim e, partir destes busca construir novos conceitos que possam explicar os mecanismos de funcionamento da sociedade moderna. Conceitos como poder simbólico, campo, habitus são fundamentais para compreender a sua sociologia.

Como Marx, Bourdieu vê a sociedade dividida em classes sociais e, dentro desta divisão existe a hegemonia de uma classe, a burguesia. Esta exerce seu poder não de forma direta, os mecanismos de dominação são sutis e aos olhos dos dominados não são vistos como um poder. Segundo Bourdieu, o denominado poder simbólico que:

Como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 2005b, p.14).

Este mecanismo faz com que as classes dominadas não percebam os mecanismos e a própria dominação, como o autor define é um poder subordinado, irreconhecível e legitimado de dominação.

Para que este poder seja exercido se faz necessário que os indivíduos sejam preparados para se sujeitar às regras da sociedade. Durkheim (1978) acreditava que o indivíduo tinha pouca importância diante do que ele denominava fato social que era exterior e coercitivo sendo este o objeto da sociologia. Bourdieu amplia esta perspectiva com o conceito de habitus, pois o indivíduo saiba ou não, queira ou não (ORTIZ, 2013) ou seja, o conjunto das normas, dos comportamentos, das ações dos indivíduos são orientadas pelo habitus sem que tenham consciência disso. Para Bourdieu o habitus pode ser definido:

Considerando o habitus como sistema subjetivo, mas não individual, estruturas interiorizadas, esquemas e percepção, de concepção e ação, comuns a todos os membros do mesmo grupo ou classe e constituintes de toda objetivação e percepção, baseamos a articulação objetiva das práticas e a unicidade da visão do mundo na impessoalidade e substituíbilidade perfeita das práticas e das visões singulares (2005b, p. 71).

Assim o habitus é produto do trabalho de inculcação e de apropriação (BOURDEU, 2005b, p.70) que são necessários para que uma sociedade possa existir e se reproduzir. Este conceito também leva em consideração os diferentes habitus dentro de uma sociedade, neste caso as classes sociais desenvolvem formas particulares de hábitos que a caracterizam. Desta forma, um operário não tem a mesma educação que um burguês. Existirá uma distinção entre a cultura erudita, geralmente associada às elites, e a cultura popular, tida como uma cultura inferior.

Neste ponto chegamos aos estudos que Bourdieu se dedicou à educação. Em nossa sociedade a educação é vista como uma prática que promove a emancipação humana. Segundo esta perspectiva a aquisição de conhecimentos é o caminho para que o indivíduo alcance sua maioridade. Consequentemente dentro da educação surgiram teorias que enxergavam na educação um espaço para não só desenvolver o indivíduo, como também um espaço em que indivíduos oriundos das classes exploradas podem ascender socialmente.

Bourdieu ao analisar o sistema de ensino francês começou a perceber que a educação, ao contrário do que se imaginava, se prestava mais à reprodução do sistema e, que os indivíduos que conseguiam a ascensão social pela via da educação era uma exceção, e não uma regra. Além do fato de que estes poucos que conseguiam, por motivos individuais, acabavam por legitimar o sistema.

Segundo Bourdieu:

A mobilidade controlada de uma categoria limitada de indivíduos cuidadosamente selecionados e modificados pela e para a ascensão individual, não é incompatível com a permanência estrutural podendo até mesmo contribuir, através da única modalidade concebível em sociedades que se pretendem democráticas, para a estabilidade social e, por esta via, para a perpetuação da estrutura de relações de classe (BOURDIEU, 2005a, p. 296).

O sistema de ensino é supostamente baseado na igualdade de oportunidades. Na França do pós-guerra o ensino público foi ampliado, o que possibilitou o acesso a filhos de operários, camponeses, que antes tinham um acesso limitado ao ensino. Porém este sistema opera por uma lógica própria, que favorece os indivíduos com posse de capital cultural. A posse deste capital se inicia na educação familiar, na qual os filhos de empresários, grandes comerciantes, banqueiros têm desde a infância o habitus como o de frequentar museus, ir ao teatro, adquirir livros, mecanismos que vão favorecer sua permanência no meio escolar, bem como explicam o seu sucesso. Já os filhos de operários e camponeses, devido ao pouco ou nenhum contato com museus, teatros e livros, tem dificuldade de lidar com a cultura erudita, logo isso determina o seu fracasso escolar. Muitos assimilam este fracasso por não ter o “dom” (BOURDIEU, 2013b). Esta ideologia do “dom” faz com que muitos assimilem o fracasso escolar como algo natural. Ao mesmo tempo, apenas alguns poucos indivíduos das classes baixas que conseguem o sucesso no sistema de ensino, isto é creditado ao mesmo ter o “dom”, o que legitima o sistema, mesmo com suas injustiças.

Outro conceito fundamental de Bourdieu que nos auxilia a entender a sociedade moderna é a noção de campo:

Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação (sitos) atual e potencial na estrutura de distribuição das diferentes espécies de poder (ou de capital) cuja posse comanda o acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo e, ao mesmo tempo, por suas relações objetivas com as outras posições (dominação, subordinação, homologia, etc.). Nas sociedades altamente diferenciadas, o cosmos social é constituído do conjunto destes microcosmos sociais relativamente autônomos, espaços de relações objetivas que são o lugar de uma lógica e de uma necessidade específicas e irredutíveis às que regem os outros campos. Por exemplo, o campo artístico, o campo religioso ou o campo econômico obedecem lógicas diferentes (BOURDIEU apud BONNEVITZ, 2003, p. 60).

O campo é um espaço de luta entre campos e, internamente dentro do campo, esta luta ocorre pela posse de diversos tipos de capital, cultural, econômico, simbólico. O campo científico, como todo campo é um espaço de luta e, o que está em luta no campo científico é o monopólio da autoridade científica, capacidade técnica e poder social e a competência científica, capacidade de falar e agir legitimamente (BOURDIEU 2013a, p. 112). Dentro do campo científico, as várias áreas do conhecimento estão em luta pelo monopólio, pela capacidade de seus conceitos serem reconhecidos socialmente como relevantes. Dentro desta disputa algumas áreas tem um prestígio maior e são vistas como mais relevantes para o conjunto da sociedade, enquanto outras são menos valorizadas, a disputa é por este prestígio. Paralelamente a esta disputa entre áreas do conhecimento, existe a disputa da competência científica, neste caso a disputa ocorre dentro da área de conhecimento, por exemplo, dentro da sociologia qual corrente se mostra mais adequada para explicar a realidade, o marxismo, o positivismo, etc. E os indivíduos que defendem a teoria x lutam contra os que defendem a teoria y, o vencedor desfruta o prestígio perante a sociedade.

Contudo essa luta que ocorre entre indivíduos dominantes, que lutam entre si e contra outros que são aspirantes a hegemonia do campo, visto que o campo científico:

É o lugar de uma luta mais ou menos desigual entre agentes desigualmente dotados de capital específico e, portanto, desigualmente capazes de se apropriar do produto do trabalho científico que o conjunto dos concorrentes produz mediante a sua colaboração objetiva ao colocarem em ação o conjunto dos meios disponíveis de produção científica (BOURDIEU, 2013a, p. 126).

Logicamente os indivíduos dominantes no campo, se utilizam de estratégias para conservar o seu poder, por sua vez os aspirantes buscam estratégias para transformar o campo. Isso vai ter uma grande importância nos eventos que antecederam o maio de 1968, visto que a expansão do ensino superior na França consagrava o prestígio aos colégios que tinham uma seleção mais rigorosa, enquanto que as universidades detinham menor prestígio.

A Universidade na França

As universidades surgiram no final da idade média com a finalidade de serem centros de produção de conhecimento, e com relativa autonomia em relação ao Estado (GROPPO, 2001). Desta forma a universidade se destinava a formar os melhores, os filhos da elite, estruturada com valores hierárquicos, numa organização onde os professores tinham a hegemonia do conhecimento e da organização. Para Bourdieu (2005a), esta estrutura

favorecia aos estudantes que tinham maior capital cultural e capacidade para investir no “campo”, ou seja, na carreira acadêmica.

Ocorre que após a segunda guerra, o sistema francês de ensino sofre uma grande expansão, com a entrada na universidade tanto de alunos como professores que se originavam de classes inferiores que não dispunham de tantos recursos para disputar o jogo acadêmico. Estes aspirantes, não dispunham do prestígio que detinham os professores tradicionais. Estes por sua vez, estavam empenhados na reprodução do campo.

Nos anos de 1960, temos o que podemos dizer uma crise do campo universitário:

O aumento da população dos estudantes e o crescimento correlato da popularização dos professores têm modificado profundamente as relações de força no interior do campo universitário e no interior de cada faculdade, principalmente as relações entre os graus e entre as disciplinas, também elas desigualmente atingidas pelas transformações das relações hierárquicas; isso a despeito de todas as ações objetivamente orquestradas (sem ser intencionalmente preparadas) pelas quais os professores tentam assegurar a defesa do campo (BOURDIEU 2013a, p. 58).

De um local destinado à formação das elites, a universidade enfrentava uma crise gerada pela entrada em grande número de indivíduos oriundos de outras classes. Isso também colocava em xeque o papel da alta cultura ensinada nas universidades, visto que a universidade para as massas deve ensinar a alta cultura ou, uma cultura média com conhecimentos voltados para a formação de uma mão de obra qualificada voltada para o desenvolvimento industrial.

A estrutura tradicional da universidade também tinha seus mecanismos de seleção. Na França os colégios têm mais prestígio que as universidades, para entrar nos primeiros é preciso passar por um sistema de seleção que inclui, dentre outros mecanismos, a indicação. Desta forma, se criam mecanismos no qual o corpo docente tem um maior controle sobre o processo com vistas a garantir a entrada de indivíduos que coadunam com as ideias e práticas do campo, isso Bourdieu (2013a) denomina como nepotismo.

Junto com as práticas tradicionais de exclusão, temos o conflito entre as faculdades. Bourdieu (2013a) coloca que as faculdades mais tradicionais, com seu corpo docente que ministravam os cursos mais tradicionais entraram em confronto com os novos cursos, principalmente o das ciências humanas que se organiza como oposição principal ao poder estabelecido. Estes cursos “novos” dentre os quais a sociologia (BOURDIEU, 2013a) não desfrutaram de um prestígio dentro da universidade e perante a sociedade como os cursos

tradicionais, visto que têm menos oportunidades dentro da universidade e poucas possibilidades no mercado profissional.

A disputa dentro do campo universitário vai além da questão acadêmica, pois:

Frequentemente inclinados à indiferença política daqueles para quem a ordem social vai muito bem e poucos instigados pela incongruência das manifestações públicas, os professores de medicina, exceto os fundamentalistas, situam-se quase todos no centro ou à direita. Quanto aos professores de direito, mais fortemente investidos na política que os professores de medicina, mas sem dúvida menos maciçamente concentrados à direita, estão mais inclinados a tomar posição publicamente sobre os problemas políticos, sobretudo talvez quando pertencem à minoria esquerda (BOURDIEU, 2013a, p. 100).

Na universidade se mostra a divisão existente na sociedade. De um lado os cursos mais tradicionais, como medicina e direito, que destinado a alunos oriundos das elites tendem a serem conservadores tanto na questão acadêmica quanto na questão política. De outro lado, os novos cursos que são menos prestigiados e destinados aos alunos das classes mais baixas da sociedade. Além do menor prestígio acadêmico, profissionalmente estes cursos têm uma remuneração menor e conseqüentemente menos possibilidades de ascensão social pela via da educação.

Crise universitária que se transforma em crise geral, ela questiona as condições da extensão diferencial da crise no centro do campo universitário e fora dele: para explicar que uma crise do modo de reprodução (na sua dimensão escolar) possa ter estado no princípio de uma crise geral, é preciso, sabendo-se da contribuição cada vez mais importante que o sistema de ensino traz a reprodução social e que faz dela uma aposta cada vez mais disputada das lutas sociais, propor um modelo que permita prestar conta do efeitos sociais que ele produziu, sendo o efeito mais surpreendente a desclassificação estrutural, geradora de uma espécie de disposição coletiva à revolta (BOURDIEU, 2013a, p. 209-210).

Estes foram em linhas gerais os elementos que Bourdieu analisou no campo acadêmico, assim ele mostrou que as contradições e disputas que existiam no campo refletiam as disputas entre as classes na sociedade.

O maio de 1968

Segundo Bourdieu (2013a) as universidades na França sofreram uma grande expansão. Segundo Groppo (2001) em 1956 havia 207 mil universitários na França e, em 1967 este número passou para 505 mil, um aumento substancial. Em decorrência das

políticas sociais implementadas pelo Estado, indivíduos oriundos de classes mais baixas tiveram acesso ao ensino superior. Contudo, estes esbarravam na estrutura rígida da universidade, que lhes disponibilizava cursos de menor prestígio e de piores oportunidades de realização profissional. Ao mesmo tempo entravam em confronto com os professores, visto que estes tinham uma visão elitista da universidade, na qual os alunos com capital cultural inferior não teriam muito sucesso na sua carreira na academia.

Junto com os problemas do campo acadêmico, temos as questões que assolavam a sociedade francesa no fim dos anos de 1960. Segundo Groppo:

Em maio de 1968, também, houve uma síntese dramática de recentes questões nacionais francesas: a ascensão do General de Gaulle em 1958, da qual o poder executivo pareceu sair exageradamente fortalecido em torno de um regime personalista; a traumática solução das questões coloniais francesas, com o fim da Guerra da Argélia e uma passiva posição em relação ao início da Guerra do Vietnã; o avanço do outro bastião do poder político e social na França, o Partido Comunista Francês (PCF), que preparava junto às demais forças de esquerda tradicional a conquista do poder nas eleições de 1972. Maio de 1968 vinha dar cabo de uma situação política que parecia estagnada: um imenso vazio entre os extremos do gaullismo e o poderoso PCF, duas máquinas políticas burocráticas nas quais, como dariam a entender os jovens em 1968, pareciam girar em falso as propostas da verdadeira renovação social. Foi um encontro tragicômico entre velhos e novos personagens da política francesa: De Gaulle, o PCF, as centrais sindicais, a classe operária organizada, os jovens trabalhadores, diversas categorias de trabalhadores, estudantes universitários e secundaristas e novas esquerdas (GROPPO, 2001, p. 519).

Os eventos que culminaram com os protestos nas ruas se iniciaram nas universidades. A revolta dos estudantes contra a estrutura rígida da universidade, ganhou contornos maiores quando chegou às ruas. Para entendermos esta crise se faz necessário explicar como que estas ocorrem dentro do capitalismo e, que mudanças estas crises provocam no sistema e como que refletem na sociedade.

Ao se analisar a história do capitalismo, vemos que ele teve diferentes fases, estas fases são caracterizadas por regimes de acumulação, que segundo Viana (2009) se define por uma forma de organização do trabalho, uma forma de organização estatal e uma forma de exploração internacional. O regime de acumulação é definido pela dinâmica da luta de classes e, é esta luta que provoca as crises que abrem possibilidades de contestação e forçam os capitalistas a reorganizar a sociedade. Em 1968, conforme analisaram em suas obras, Viana (2009) e Harvey (2000) viram um momento de crise do regime de acumulação vigente, a regulamentação do trabalho no fordismo, o estado de bem estar não estavam mais

em condição de garantir a estabilidade da ordem social. As demandas dos trabalhadores por melhores salários, dos estudantes pela democratização do acesso à universidade, bem como do outro lado a pressão dos capitalistas e das elites por manter seus privilégios, eclodiu no maio de 1968. É importante salientar que estes movimentos não se restringiram à França, ocorreram na Europa ocidental, na América do norte e Latina (GROPPO, 2006).

A crise econômica vinha acompanhada da crise política, principalmente quando falamos das esquerdas tradicionais, que engessadas pelo burocratismo dos partidos comunistas, não viam perspectiva nessa via política. A URSS segundo Tragtenberg (2006) tinha se transformado em um capitalismo de estado, no qual a burocracia partidária dirigia o país com mão de ferro. Este “socialismo” que era defendido pelos partidos comunistas, que se tornou objeto de crítica no ocidente, visto que não representava mais os anseios da esquerda. Na Europa, o sintoma mais visível desta desilusão, foi a tomada por parte dos estudantes de posições anarquistas (BOURDIEU 2013a). O anarquismo representava ao mesmo tempo uma recusa da sociedade capitalista como do “socialismo” vigente na URSS. Durante os protestos de 1968, ficava evidente a oposição entre os estudantes, de tendência mais radical, e os partidos e sindicatos de tendência mais moderada (SOLIDITARY, 2008).

A esquerda tradicional não apresentava mais um projeto de futuro, visto que grande parte dos estudantes rejeitaram suas bandeiras, junto os problemas do sistema de ensino somados a uma crise do capitalismo que se tornava cada vez mais real, culminou com os eventos do maio de 1968 no qual as bases da sociedade capitalista foram questionadas.

Considerações finais

Ao analisar os eventos que culminaram com o maio de 1968, nos deparamos com o papel desempenhado por jovens e estudantes no movimento. Tradicionalmente a classe operária que liderava estes movimentos, contudo no pós-segunda guerra essa se encontrava dominada por uma burocracia sindical que tinha abandonado a perspectiva de revolução por uma política de estabilidade de empregos e salários nos países desenvolvidos (BIHR, 2012).

Ao mesmo tempo o sistema de ensino sofre uma grande expansão, sem, contudo alterar as suas bases e os seus objetivos, a reprodução das relações sociais. Desta forma mais estudantes oriundos de classes mais desfavorecidas chegavam à universidade e lá se deparavam com um sistema organizado que favorecia às elites, na qual a pretensa mobilidade social prometida, era um funil no qual poucos indivíduos conseguiam passar, e que para a

maioria o caminho era manter a sua condição de classe, e as profissões mais prestigiadas eram destinadas aos alunos com mais capital cultural.

Bourdieu dedicou boa parte de sua obra ao estudo do sistema de educação. Desde sua obra *Os herdeiros* de 1964, passando pela *Reprodução* de 1970 e *Homo Acadêmicus* de 1984, forneceu uma importante análise do funcionamento do sistema de ensino e de sua finalidade, na sociedade francesa. Em decorrência destas análises Bourdieu teve uma grande contribuição para compreendermos como que os estudantes formaram a categoria catalisadora do maio de 1968. Visto que a universidade com suas estruturas tradicionais, conforme define Groppo (2006), estruturas medievais, entravam em conflito com estudantes que devido a sua condição de classe não tinham muito que esperar do sistema de ensino. Isto estimulou a estudantes e professores que tinham uma posição inferior no campo acadêmico a lutar contra as estruturas da academia.

Segundo Bourdieu:

Não são, como se acredita comumente, os posicionamentos políticos que determinam os posicionamentos sobre as coisas universitárias, mas as posições no campo universitário que orientam os posicionamentos sobre a política em geral e sobre os problemas universitários; ficando entendido que a parcela de autonomia que é atribuída apesar de tudo ao princípio propriamente político de produção das opiniões varia segundo o grau com que interesses associados à posição no campo universitário são atingidos ou, tratando-se de dominantes, ameaçados (2013a, p. 295).

As análises de Bourdieu focam na questão da disputa dentro do campo acadêmico e como estas disputas se refletiram na sociedade francesa. Autores como Foucault e Derrida, que foram os líderes dos movimentos, se tornaram nos anos seguintes prestigiados na academia (BOURDIEU, 2013a). Porém o movimento não se limitou à universidade e chegou a uma revolta generalizada da sociedade onde a crise do Estado de Bem Estar se tornava real. Neste ponto está grande limitação de Bourdieu ao analisar os eventos do maio de 1968 focando na questão da universidade. O movimento foi liderado por estudantes, mas o que refletia não era só uma questão interna. Para além da universidade estava a crise que o capitalismo passava no momento que refletia na sociedade. Viana (2009) coloca que após a crise do fim dos anos 1960 a saída para o capital foi a implementação de um novo regime de acumulação, o integral.

Referências bibliográficas

- BIHR, A. *Da Grande Noite à Alternativa. O Movimento Operário Europeu em Crise*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- BONNEVITZ, P. *Primeiras Lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005a.
- _____. *Os Herdeiros: Os Estudantes e a Cultura*. Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2014.
- _____. *Homo Acadêmicus*. Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2013a.
- _____. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005b.
- _____. *A Reprodução*. Rio de Janeiro: Vozes 2013b.
- DURKHEIM, E. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- GROPPO, L.A.. *Autogestão, Universidade e Movimento Estudantil*. São Paulo: Autores Associados, 2006.
- _____. *Uma Onda Mundial de Revoltas: Movimentos Estudantis nos anos 1960*. 2001. 559 f. Tese (Doutorado em Sociologia)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, SP. 2001.
- HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MARX, K. *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- ORTIZ, R. *A Sociologia de Pierre Bourdieu*. São Paulo: Olho D'Água, 2013.
- SOLIDITARY. *Paris Maio de 1968*. São Paulo: Conrad Editora, 2008.
- TRAGTENBERG, M. *Reflexões Sobre o Socialismo*. São Paulo: Unesp, 2006.
- _____. *A Revolução Russa*. São Paulo: Unesp, 2007.
- VIANA, N. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.